



O ato de criação dentro do poema “O auto-retrato” de Mario Quintana

Mariana Denize Muniz Bezerra*

Resumo: No poema “O auto-retrato” de Mário Quintana, observa-se uma relação intrínseca entre a obra e o autor. O Poeta constrói o poema discutindo dois atos: o ato de criação da obra e o ato de se construir enquanto pessoa. O título do poema mostra a necessidade do Poeta em se auto-retratar para o outro. O uso de pronomes possessivos durante todo o poema destaca o caráter intimista da criação poética. Com o uso de advérbios expressando dúvida e a relação temporal criada entre o verbo existir, o Poeta vai construindo sua própria imagem para o leitor. Ao opor figuras como a criança e o louco, o Poeta busca afirmar a dificuldade inerente ao ato de se descobrir enquanto pessoa e poeta. Criador e criação se misturam dentro do poema.

Abstract: In the poem “O Auto-retrato” by Mário Quintana, an intrinsic relation between the work and the author is observed. The Poet constructs the poem discussing two acts: the act of creation of the work of art and the act of constructing oneself as a person. The title of the poem shows the necessity of the Poet of portraying himself to the other. The use of possessive pronouns throughout the poem highlights the intimist character of the poetical creation. With the use of adverbs expressing doubt and the relation of time created from the verb “to exist” the Poet constructs his own image to the reader. By opposing images as the child and the madman the Poet affirms the inherent difficulty to the act of discovering oneself as a person and poet. Creator and creation are blended inside the poem.

Palavras-chave: escritura; leitor; reconstrução.

Keywords: writing; reader; reconstruction.

Para se entender a questão da intertextualidade dentro do texto literário, deve-se entender antes de tudo como se constrói uma análise poética. Teorias como a estética da recepção e a fenomenologia ajudam a construir um todo de significados sobre a obra pois cada aspecto influencia de uma forma a visão do todo poético. Já Lotman propunha um sistema de relações com outros sistemas de significação presentes fora da obra, enquanto Ingarden já acreditava em uma leitura imanente do texto, sem sair de dentro dele.

Iuri Lotman entendia também que a significação do poema existia dentro do contexto, por meio de contradições, semelhanças etc. O encerramento único de uma palavra, em apenas um único significado, não existe dentro do poema, por isso a obra lírica acaba se constituindo em um sistema rico de significações. A teoria da recepção trouxe também a necessidade de

* Mariana Denize Muniz Bezerra é graduada em Letras Português pela Universidade de Brasília. Atualmente cursa Especialização em Literatura Brasileira pela mesma instituição. Tem poemas publicados pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores.

analisar o horizonte de expectativas do leitor em relação à obra que lê, ou seja, o que o leitor percebe a partir do sistema criativo criado pelo poeta.

Como se vê, a obra se torna uma construção multifacetada e com vários estratos de observação. As palavras e as imagens criadas são analisadas dentro do contexto poético. Há sempre uma revitalização de elementos fazendo com que os mesmos temas sejam sempre revisitados e reditos, propondo novas visões sobre os mesmos assuntos dentro da poesia.

Mary Kato, em seu texto *O aprendizado da leitura*, analisa detalhes de um leitor reconstrutor. Sob sua perceptiva, a leitura se torna um processo de interação e reconstrução do leitor com o poema. A recepção ocorre, então, a partir de um comportamento ativo de leitura e recepção do texto.

O processo de entendimento de um poema se dá dentro da própria obra e das relações criadas entre as palavras. Regina Zilberman, em seu livro *Estética da Recepção e História da Literatura*, diz: “Um poema não pode ser entendido independentemente de seus resultados. Seus efeitos psicológicos ou outros são essenciais para qualquer descrição acurada de seu sentido” (ZILBERMAN, 1989, p. 25). Dessa forma, o texto faz sentido dentro de si mesmo, analisando aspectos fônicos, sintáticos e semânticos dos termos empregados.

Verifica-se, assim, que o leitor é peça essencial no processo de leitura e compreensão do poema. O intercâmbio com o público estabelece novas relações do texto com a realidade. Vê-se também que todo texto apresenta um tom ideológico e histórico, pois o autor não sai de dentro do contexto em que se insere para escrever a obra. Como diz Zilberman: (1989, p.34) “o efeito de uma obra no sistema objetivo de expectativas que, para cada obra, no momento histórico de seu aparecimento, decorre da compreensão prévia do gênero, da forma e da temática”.

A obra poética é construída por meio de uma estrutura lingüística. A construção poética cria em seus poemas imagens para que o leitor as analise e interprete e por meio desta nasce um elo entre o autor e o leitor. Micheline Madureira Lage, em seu texto *Ler sem doar*, afirma:

Para Ingarden, o exame do modo de ser da obra literária descobre que ela é uma estrutura lingüístico-imaginária, permeada de pontos de indeterminação e de esquemas potenciais de impressões sensoriais, os quais, no ato de criação ou da leitura, são preenchidos e atualizados, transformando o que era trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. (LAGE, 2003, p. 42).

Segundo Roland Barthes, em seu livro *O prazer do texto*, o autor do texto não pode prever a leitura que cada pessoa fará do que ele escreveu. Dessa forma, surge o prazer do texto, que obtido por cada leitor dentro do texto, ao realizar a análise. Alguns ignoram o jogo da linguagem, outros prestam atenção aos detalhes e às minúcias entre os versos e as linhas. O

processo de abstração faz com que o leitor decodifique a língua e enxergue a essência do poema ou do texto.

Para se entender o processo de construção de uma obra de arte, deve-se entender o que seria a experiência estética. A arte e o seu papel transgressor e comunicativo podem ser explicados a partir de três atividades: a *poésis*, *aíthesis* e *kátharsis*. Como afirma Liz Lage (2003, p. 47): “o primeiro plano, o da *poésis*, corresponde ao prazer de o leitor de sentir co-autor da obra. O sujeito dá vazão ao seu potencial inventivo participando da criação, apropriando-se dela”. A *aíthesis* destaca o prazer provocado pelo efeito da obra no sujeito, fazendo com que se renovem horizontes de percepção do mundo, enquanto a *kátharsis* provoca um prazer afetivo em relação à obra, motivando assim a liberação da psique do sujeito.

No poema “O auto-retrato” de Mário Quintana, pode-se observar que o texto foi construído discutindo dois atos: o ato de criação da obra e o ato de se construir enquanto ser humano. O título do poema traz a vontade do Poeta em se auto-retratar, criando assim uma imagem dele para o outro. Percebe-se o uso de pronomes possessivos destacando assim o caráter intimista da criação de seu próprio retrato. Neste processo de criação, o de se auto-retratar para o outro e a questão da temporalidade entra em cena.

A questão da temporalidade e da passagem do tempo se dá por meio do advérbio, às vezes, retratando assim a instabilidade do ser humano diante das vicissitudes da vida. As mudanças naturais que ocorrem na trajetória das pessoas são destacadas na primeira estrofe do poema. A inconstância do ser humano é colocada como algo inerente ao ser, que não completa, estando assim em eterna reconstrução de si mesmo.

Na segunda estrofe, mais especificamente no verso 6 (seis), vê-se a presença dos fatos vividos pelo poeta. As lembranças de tais fatos tomam conta do tempo presente: “de que nem há mais lembrança... / ou coisas que não existem / mas que um dia existirão”. Logo nos versos 7 (sete) e 8 (oito), uma oposição é criada em torno do verbo existir. No verso 7 (sete), o Poeta afirma que as “coisas” não existem, porém logo no verso 8 (oito) afirma que as lembranças surgirão dentro do processo de recordação. Os tempos verbais presentes nos versos são essenciais para entender a relação criada entre o passado e o presente.

Otávio Paz, em seu livro *Signos em Rotação*, descreve o processo de criação de imagens poéticas dentro do poema:

As imagens do poeta têm sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência de mundo. Trata-se, pois, de uma verdade de ordem psicológica [...]. O poeta faz algo mais do que dizer a verdade; cria realidades que possuem uma verdade: a de sua própria existência (PAZ, 2005, p. 45).

Na terceira estrofe do poema, o processo de se auto-retratar é concluído. O Poeta afirma que tal processo não é fácil de ser realizado. O substantivo “lida” mostra a dificuldade de se construir tal retrato e relata que o ato é, ao mesmo tempo, pensado e impensado (devido à natureza transitória do homem). Desse processo, o poeta busca semelhanças que o construiriam enquanto pessoa inserida num grupo social. Assim, por meio de seu auto-retrato, o Poeta revela semelhanças com aquele lê seu poema.

O processo de reconstrução da imagem de si mesmo se dá de forma monitorada. Percebe-se tal aspecto nos versos 13 (treze) e 14 (quatorze). O poeta, ao construir seu poema, está monitorando sua linguagem, adequando à forma do poema. Ao final há o encontro de dois processos: o de criação e de revisão da obra.

A oposição entre os substantivos *criança* e *louco* mostra a dificuldade de se revelar para o mundo que o cerca. A criança representa a ingenuidade, a falta de conhecimento total do mundo, a alegria de viver sem se preocupar com as regras. E o louco representa o comportamento desviante dentro de uma sociedade, o ser dissonante dentro de um grupo. As duas imagens são criadas a fim de mostrar o processo de criação da obra dentro do relato sobre a própria vida. Criador e criação se misturam nesse poema. O poema surge a partir da necessidade do poeta de relatar sua vida, de se revelar enquanto pessoa e poeta, porém ainda se acha preso pelas cordas lingüísticas que estruturam o poema.

Referências

- BARTHES, Roland. O prazer do texto In: *Análise Comparativa: Barthes e Jauss*. Niterói: Faculdade Estácio de Sá. 2004; p. 09.
- LAGE, Micheline Madureira. Clareando a ideologia e construindo a metodologia In: _____. *Ler sem doer*. Minas Gerais: Unileste. 2003; p. 41-51.
- KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 5.ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.
- INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1965.
- PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.